

PLENÁRIO INTRODUTÓRIO DA CONFERÊNCIA GLOBAL DE TEOLOGIA:  
CRISTOLOGIA  
Superintendente Geral Carla Sunberg

Bem-vindo à Conferência Global de Teologia de 2018 da Igreja do Nazareno. Estamos aqui, reunidos de todas as partes do mundo, para uma discussão teológica, a serviço da igreja.

No último verão nos tivemos nossa Assembleia Geral, e muitos diriam que foi um período crucial na vida da Igreja do Nazareno. Parecia que o Espírito Santo de Deus estava se movendo enquanto a igreja trabalhava em questões difíceis e lutava para criar uma bela unidade em meio a diversas vozes e perspectivas de todo o mundo. Parecia como se Deus estivesse fazendo uma coisa nova e que todos estavam sendo convidados a tornar-se participantes de uma igreja de santidade que está disposta a lidar com questões práticas na criação de espaço para que todos os filhos(as) de Deus encontrem seu lugar à mesa.

Hoje, a força da igreja fora dos Estados Unidos e do Canadá é palpável, pois Deus está levantando líderes que ampliarão nosso pensamento e nos conduzirão a um novo território. Assim como nós tivemos conferências globais de teologia antes, eu venho aqui para a Flórida, na expectativa de que o que começou no verão passado em Indianápolis irá transbordar em nossas conversas teológicas.

Por que precisamos nos reunir e gastar tempo na reflexão teológica? Porque, na minha opinião, o mundo está precisando desesperadamente de cristãos que sabem no que acreditam. Sejam pressões sociais, religiosas ou econômicas, todos nós temos problemas que são exclusivos do nosso contexto local. Um sólido fundamento teológico fornece direção, liderando a igreja através dos desafios que ela enfrenta. Quanto mais eu viajo pelo mundo, mais percebo que não podemos ignorar a necessidade de criar de forma intencional um espaço para a reflexão teológica.

O tema desta conferência é “Cristologia”. Embora uma variedade de temas fosse considerada, a Junta de Superintendentes Gerais sentiu que era vitalmente importante para a igreja do Nazareno dedicar tempo focando Naquele de quem derivamos nosso nome. Nós somos a Igreja de Jesus, o Nazareno!

Tradicionalmente, a Cristologia tem sido o estudo da pessoa, natureza e papel de Cristo. A Junta de Superintendentes Gerais levou o tema ao comitê da Conferência Global de Teologia (GTC), que é composto por representantes de todas as seis regiões. O comitê, por sua vez, ajudou a projetar a estrutura, levando em conta as formas tradicionais de estudo em relação à Cristologia, enquanto, ao mesmo tempo, levava em conta algumas das realidades atuais da igreja. Esta conferência foi dividida em três seções principais, usando referências das escrituras para nos levar à nossa conversa:

1. “Quem Você Diz Que Eu Sou?” - Conhecendo e Tornando-se Mais Como Jesus Cristo
2. “Tome sua Cruz e Siga-me” - Tornando-se Mais Fiel a Jesus Cristo
3. “Como o Pai Me Enviou Eu Te Envio” - Unindo-se a Missão de Jesus Cristo

Minha vida mudou radicalmente desde que começamos a planejar esta conferência. Eu havia servido como organizadora, juntamente com o Dr. Dan Copp, e trabalhamos com o comitê para planejar este evento. Hoje, temos o prazer de dar as boas-vindas ao Dr. Jeren Rowell no papel que eu ocupara anteriormente. Esta nova temporada do ministério me levou ao belo continente da África, onde tenho, desde outubro, passado maior parte do meu tempo do que em qualquer outro lugar do mundo. Seja na África ou em qualquer outra região, temos que reconhecer que essa conversa sobre Cristologia é oportuna. Houve várias ocasiões nos últimos meses em que tive que parar e me perguntar se o Cristo que eu tenho servido e representando é o Cristo da Bíblia, ou um de uma construção cultural particular. Nós, como igreja global, devemos nos fazer algumas perguntas difíceis sobre nossa Cristologia, e como definimos nossa compreensão de Cristo através dos anos. O capítulo inicial de nossa história na igreja do Nazareno foi escrito, mas nós entramos em uma nova era, onde novos capítulos, cheios de muitas histórias, devem ser escritos.

A autora e escritora nigeriana Chimamanda Adichie nos adverte que há perigo em uma história única. Ela diz: “Mostre às pessoas várias vezes a mesma coisa, e isso torna-se o que virão a ser.” Ela adverte que nos arriscamos a um mal-entendido crítico e cultural quando falhamos em entender que cada vida, cada situação tem sua própria história sobreposta.

Qual é o perigo de uma história única?

Adichie diz: “A história única cria estereótipos, e o problema dos estereótipos não é eles serem falsos, mas serem incompletos.”

Quando ouvimos a mesma história várias vezes, ela se torna a única história que acreditamos. E isso é especialmente verdade na história da África.

Demasiadas vezes ouvimos esta versão - a África, o “país” mais pobre do mundo, onde só existem paisagens rurais e onde as pessoas vivem aterrorizadas entre animais selvagens.

Demasiadas vezes tratamos a África como uma narrativa, uma que fomentamos ao longo de gerações e gerações, tornando-se tão institucionalizada que mesmo aqueles que se formaram em universidades irão às vezes escorregar e se referir à África como país ou à sua língua como “africana”.

Esse é o perigo de uma história única, e isso traz à mente uma citação do escritor americano Alvin Toffler: “Os analfabetos do século XXI não serão aqueles que não sabem ler e escrever, mas aqueles que não podem aprender, desaprender e reaprender”.

Devemos aprender a desaprender esses estereótipos perpetuados para nos permitir ver que há mais do que essa narrativa para a África – na verdade, para qualquer outra coisa.

“Histórias importam. Muitas histórias são importantes. Histórias têm sido usadas para desapropriar e difamar, mas histórias também podem ser usadas para capacitar e

humanizar. As histórias podem quebrar a dignidade de um povo, mas as histórias também podem reparar essa dignidade violada”<sup>1</sup>

Devemos reconhecer que nós, como Igreja do Nazareno, tivemos uma Cristologia que foi moldada e marcada pelas influências e experiências culturais da Europa Ocidental e dos Estados Unidos. Houve aspectos da fé americana que influenciaram as maneiras pelas quais imaginamos Cristo. E isso pode ser o perigo da história única.

O conceito do Destino Manifesto teve um impacto sobre o expansionismo americano e até mesmo missões em uma era de colonialismo. Houve aqueles que adotaram uma imagem de Cristo que não incluía pessoas negras. Nossos próprios departamentos de “Casa” e “Missões no Exterior” ficaram divididos entre pessoas de ascendência europeia branca e o resto do mundo. A Europa fazia parte das missões domésticas, enquanto os nativos americanos eram administrados pelas “Missões Mundiais”. Nós talvez não percebemos conscientemente que nossas estruturas refletiam uma Cristologia particular e perspectiva sobre o *Imago Dei*.

Por exemplo – como nós vemos Jesus? Em nossos diferentes contextos e experiências culturais, podemos visualizar Jesus de maneiras diferentes.

Estas são diferentes faces de Jesus:




---

<sup>1</sup> Review by Chelsea Yee. <https://borgenproject.org/review-chimamanda-adichies-danger-of-a-single-story/> (13 March, 2018)

Eu cresci na Europa, onde Jesus era sempre branco. Lembro-me mudando para a Rússia e vendo esse ícone no Kremlin pela primeira vez. Ele é conhecido como o Ícone do Salvador, **Imagem Não Feita a Mão**.



Foi nesse momento que percebi que essa era provavelmente uma representação muito mais próxima do verdadeiro Cristo do que a que eu havia criado na minha imaginação.

---

<sup>2</sup> [https://orthodoxwiki.org/Image\\_Not-made-by-hands](https://orthodoxwiki.org/Image_Not-made-by-hands) A tradição deste ícone é que ele foi criado durante o tempo de Cristo. Nos falaram de um homem, chamado Abgar, que era o governante na cidade síria de Edessa. Este homem, Abgar, sofria de lepra. Notícias dos milagres de Jesus chegaram até a Síria e a Arábia. Abgar nunca tinha visto Jesus, mas ele escreveu uma carta, pedindo que Jesus viesse e o curasse. Ele enviou a carta com o pintor da corte, Ananias. O plano era que Ananias pintasse uma imagem desse homem que curava, Jesus. Quando Ananias chegou à Palestina, ele não conseguiu se aproximar de Jesus por causa das grandes multidões. Ele tentou produzir uma imagem de Jesus enquanto estava à distância, mas não teve sucesso. Foi dito que Jesus chamou Ananias e prometeu-lhe que enviaria um discípulo para curar Abgar de sua lepra e instruí-lo sobre a salvação. Depois disso, Jesus pediu água e uma toalha. Quando ele limpou o rosto com a toalha, e nela permaneceu sua imagem divina. A toalha e uma carta foram enviadas de volta para Edessa com Ananias. Abgar ficou grato pelos presentes e seu corpo começou a se curar. Por fim, Thaddeus, um dos 70 apóstolos chegou, pregando o evangelho e batizando Abgar e toda a comunidade de Edessa. Abgar escreveu na imagem, agora chamada de “não feita por mãos” as palavras “Cristo-Deus, todos que confiam em ti não serão envergonhados”. Ele montou esta imagem, colocando-a sobre os portões da cidade. Desde então, reproduções tem sido feitas e podem ser encontradas em todo o mundo.

Sem saber o que está acontecendo, o perigo de uma história única é que podemos começar a formar nossa Cristologia à nossa própria imagem. Quando olhamos para as diferentes faces de Jesus, descobrimos o reflexo de muitas culturas. Será que uma imagem nos deixa mais confortável do que outra?

É por isso que agora, neste momento, a Igreja do Nazareno tem que se fazer perguntas difíceis sobre a existência de uma história mais dominante.

O Filme Jesus tem tido sucesso ao levar o evangelho a milhões de pessoas. Esse é o Jesus do Filme Jesus. O filme tem sido uma ferramenta poderosa, mas, um de nossos teólogos, Dr. Bill Kwon, perguntou se os espectadores são capazes de desconstruir os temas ocidentais mostrados neste filme.



Franz Fanon, escritor de estudos pós-coloniais, conta que um complexo de inferioridade se desenvolve quando há um “treinamento inconsciente e não natural dos negros, desde a infância, para associar a 'cor negra' a 'algo errado’”<sup>3</sup>. Isso foi ilustrado para mim quando meus colegas sul-africanos me disseram que, durante o Apartheid, jovens e crianças negras queriam crescer para serem brancos. O perigo de uma história única começa a se desdobrar quando usamos uma série de cores para contar o evangelho, onde o preto é ruim e representa o pecado, e o branco é um coração limpo e representa tudo que é bom. Quando apresentamos Cristo de uma maneira particular, enquadrada por uma cultura, nos aproximamos perigosamente da possibilidade de criar um complexo de inferioridade naqueles que não são da cultura de Cristo.

O valor desta conferência está em gastarmos tempo conversando, ouvindo nossos irmãos e irmãs, e abrindo nossas mentes e corações para descobrir que não estamos tentando provar que há uma resposta “certa”. Estamos engajados em uma prática que nos ajudará a moldar o futuro de quem somos como Nazarenos, à medida que abraçamos a natureza global de quem nos tornamos, o reflexo de Jesus em muitas culturas diferentes. Philip Jenkins, ilustre professor de História da Baylor University, adverte-nos que é errado simplesmente tomar as maneiras pelas quais fizemos as coisas no passado e acrescentar algo "global" a elas. Em vez disso, ele diz, devemos abraçar uma nova perspectiva que seja inteiramente global.<sup>4</sup>

Há boas notícias para nós. Nós viemos de raízes metodistas e enquanto historicamente, a Reforma e os movimentos Evangélicos pareciam abraçar o conceito do Destino Manifesto, os Metodistas começaram a questionar as ideias que estavam sendo produzidas. Esta introspecção saudável tem sido uma característica do movimento Wesleyano/Santidade.

---

<sup>3</sup> Franz Fanon, *Black Skin, White Mask*

<sup>4</sup> Philip Jenkins, ATS President's Gathering

Uma doutrina de santidade Cristocêntrica deve nos levar a um lugar de reflexão e auto-exame. Isso também é encontrado na linguagem do apóstolo Paulo em sua carta aos Filipenses. Em Filipenses 3:7-11, lemos:

Mas o que para mim era lucro, passei a considerar como perda, por causa de Cristo. Mais do que isso, considero tudo como perda, comparado com a suprema grandeza do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor, por quem perdi todas as coisas. Eu as considero como esterco para poder ganhar Cristo e ser encontrado nele, não tendo a minha própria justiça que procede da Lei, mas a que vem mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus e se baseia na fé. Quero conhecer Cristo, o poder da sua ressurreição e a participação em seus sofrimentos, tornando-me como ele em sua morte para, de alguma forma, alcançar a ressurreição dentre os mortos.

Estamos aqui, nesta conferência, para examinar nossa Cristologia; para perguntarmos a nós mesmos questões difíceis sobre o nosso passado e o futuro em que Deus nos guiará. Mas, em última análise, queremos conhecer a Cristo e isso é mais do que conhecimento intelectual. É aqui que afirmamos toda nossa Cristocêntrica e Trinitária compreensão de santidade. Quando nos tornamos “participantes da natureza divina”<sup>5</sup> nós verdadeiramente “conhecemos” a Cristo. Um dos primeiros comentários sobre *Cantares de Salomão* nos convida a compreender a beleza encontrada na comunhão com Deus, que é belo e muito além de nossa compreensão. Quando nosso desejo é conhecer a Cristo, então seremos levados a um novo nível, onde a percepção humana não pode alcançar. Onde somos “guiados a um desejo por aquela beleza da qual os céus contam a glória e o firmamento de toda a criação proclama o conhecimento. Deste modo, a alma, eleva-se e deixa para trás toda a atenção a coisas sem importância, chega a um conhecimento da grandeza além dos céus.”<sup>6</sup> Esta é a comunhão íntima com Cristo.

Nossa oração é que este tempo juntos não seja simplesmente uma busca pelo intelectual, mas uma íntima comunhão com Cristo, enquanto desejamos conhecê-lo mais.

Quando a Junta de Superintendentes Geral começou a ponderar sobre essa conferência, a questão da Cristologia surgiu em relação a práxis. Somos desafiados a reconsiderar como nossa Cristologia informa nossa práxis, especificamente em áreas como discipulado, evangelismo, plantação de igreja, paixão pelos perdidos, ministérios de compaixão, etc.

A Cristologia tem informado a Igreja do Nazareno desde o início. Nosso segundo Artigo de Fé afirma nosso entendimento:

Creemos em Jesus Cristo, a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade; que Ele é eternamente um com o Pai; que encarnou pelo Espírito Santo e nasceu da Virgem Maria, e assim, duas naturezas inteiras e perfeitas, isto é, a Divindade e a humanidade, se uniram em uma Pessoa, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, o Deus-homem.

---

<sup>5</sup> 2 Peter 1:4

<sup>6</sup> Nyssen, *DV* 11 (PG 46:364) (SC 119) (GNO VIII.I) (FC, 39).

Creemos que Jesus Cristo morreu por nossos pecados, e que Ele verdadeiramente ressuscitou dos mortos e tomou de novo o Seu corpo, juntamente com tudo o que pertence à perfeição da natureza humana, e com isto subiu ao céu, onde Se ocupa em interceder por nós.<sup>7</sup>

Será que pensamos que nos afastamos muito de nosso segundo artigo de fé? A maioria de nós provavelmente diria um sincero “não” e, no entanto, é possível que tenhamos inconscientemente adotado práticas, seja por uma Cristologia singular ou não informada por qualquer Cristologia? Estas são as perguntas que nos estão sendo feitas.

Afirmamos que devemos fazer “discípulos à semelhança de Cristo nas nações”, mas talvez precisemos voltar para Jesus. Em Efésios 4:20, lemos: “Todavia, não foi isso que vocês aprenderam de Cristo!”<sup>8</sup> Para a igreja em Éfeso, houveram alguns desvios do ensinamento original, criando-se uma trajetória perigosa, havendo necessidade de correção. Esta era Paulo, apontando para a essência da pregação apostólica. O que os humanos devem se apegar, para alcançar a marca, é o próprio Cristo. Isto não é apenas uma doutrina sobre Cristo, mas Cristo é o objeto direto na sentença. Devemos “conhecer” intimamente a pessoa de Cristo, e é em conhecê-lo que nos revestimos de seu caráter, o amor santo, e somos transformados no povo santo de Deus. O que esperamos, então, nesta conferência, é que abraçaremos uma Cristologia verdadeiramente encorpada que informe nossa práxis em uma igreja global culturalmente diversificada e bela.

Em nossa primeira sessão, teremos tempo para discutir quem é Cristo, e isso, dentro de nossos variados contextos. Veli-Matti Karkkainen nos encoraja a lembrar de adotar uma alta Cristologia que reconhece que “a primazia material pertence ao Filho eterno, que se tornou homem quando encarnou em Jesus de Nazaré”. No entanto, isso não pode ser separado da “história de Jesus” ou corremos o perigo de “violar a insistência bíblica em Jesus como o caminho para o conhecimento de Deus (João 14:6)”<sup>9</sup>. A encarnação se torna vital para nossa compreensão. Kara Lyons-Pardue, em seu novo livro *Seguindo Jesus: Profeta, Sacerdote e Rei*, editado juntamente com Tim Gains, nos diz que devemos adotar a realidade da encarnação de Jesus, “isto é, que o Filho, verdadeiramente Deus, nasceu e cresceu e se tornou um homem verdadeiramente humano. E isso “une para sempre o curso da história humana e a realidade de Deus”. Devemos levar a história a sério, se quisermos entender Jesus. Ao mesmo tempo, devemos também levar a sério nosso contexto. “Onde estamos no espaço, no tempo e a cultura devem necessariamente moldar nossa compreensão sobre Jesus. Isto não é uma imposição ou uma desvalorização da identidade de Jesus; é um corolário necessário onde tomarmos Jesus como real, vivo e reinante”<sup>10</sup>.

---

<sup>7</sup> *Manual 2017-2021*, Article of Faith 2. Jesus Christ, 26-27.

<sup>8</sup> NRSV

<sup>9</sup> Kärkkäinen, Veli-Matti. *Christ and Reconciliation: A Constructive Christian Theology for the Pluralistic World*, vol. 1 (p. 39). Wm. B. Eerdmans Publishing Co.. Kindle Edition.

<sup>10</sup> Kara Lyons-Pardue, *Following Jesus: Prophet, Priest and King*. From the advanced reader copy, Introduction.

Conhecer a Cristo é saber quem é Jesus. Ao reconhecemos as camadas da cultura que podem ter influenciado a imagem que fazemos de Cristo, podemos descobrir um Jesus genuíno que fala volumes nas variadas configurações do cristianismo hoje e podemos tentar responder à pergunta de Jesus: “Quem você diz que eu sou?”

Uma vez que lutamos com quem Cristo é, temos uma visão mais clara daquele a quem devemos seguir. A missão da Igreja do Nazareno é “fazer discípulos à semelhança de Cristo nas nações”. Jesus desafiou seus ouvintes, chamando-os a “tomar [a] cruz e segui-lo”. Isto foi dito a um grupo de pessoas que não tinha ideia de que Jesus acabaria morrendo numa cruz. O chamado estava enraizado em uma visão de submissão à autoridade romana que estava diante deles diariamente. Jesus estava pedindo ao povo que considerasse um novo tipo de submissão, que seria para a autoridade do reino de Deus. Isso era discipulado, isso poderia custar tudo a seus seguidores.

A Junta de Superintendentes Gerais acredita que precisamos de uma ênfase renovada na formação de discípulos e na formação cristã, que deve incluir a vida da igreja local. O discipulado acontece na comunidade, tanto na igreja local como no distrito, e em reuniões como esta, no nível denominacional. Quando estamos juntos, nos aperfeiçoamos uns aos outros e há um tipo de sinergia na qual nós “provocamos um ao outro para amar e para as boas obras.”<sup>11</sup> Fazer discípulos é uma parte do nosso DNA, voltando aos dias de John Wesley e da responsabilidade pelo crescimento espiritual e desenvolvimento que existiam em suas aulas. Não há discipulado barato, e haverá aqueles entre nós que pagarão o preço final, compartilhando os sofrimentos de Cristo.

Finalmente, uma Cristologia completamente trinitária nos levará a uma discussão sobre a *Missio Dei*. Nos últimos dez anos, foi adicionado à igreja do Nazareno cerca de 800.000 membros. Quase 32% das pessoas que se dizem Nazarenas juntaram-se recentemente a esta família, trazendo os seus desafios particulares. Como nos mantemos fiéis à nossa Cristologia em um período de rápido crescimento? Qual é a visão de Deus para o nosso futuro?

No fim de semana passado, tive o privilégio de estar com a liderança da África Ocidental. Lá, nossa equipe da Nigéria colocou diante de nós uma visão e um sonho de se unir à missão de Jesus em seu vasto país, com 200.000.000 de pessoas, a sétima nação mais populosa do mundo. Isso é metade da população de todo o campo da África Ocidental, um continente em si mesmo.

Esta história da Igreja do Nazareno na Nigéria é única. Perto do fim da Segunda Guerra Mundial, o Sr. Dan Iwok, um soldado nigeriano, foi enviado para a Birmânia para servir. Lá ele encontrou soldados e capelães nazarenos que lhe deram folhetos evangelísticos e um *Manual Nazareno*. De volta à Nigéria, leu esses “presentes eternos” e se apaixonou pela Igreja do Nazareno. Ele organizou na Nigéria uma igreja independente em 1945.

Em 1946, Dr. Hardy Powers, Superintendente Geral, fez o seu caminho para a Nigéria para se reunir com esta igreja, mas somente em 1988 eles puderam afiliar-se oficialmente à Igreja

---

<sup>11</sup> Ephesians 10:24, NRSV.



Internacional do Nazareno. Esta Igreja nigeriana do Nazareno independente foi plantada porque um soldado deu a um homem um *Manual*. Uma grande celebração foi realizada no dia da fusão, onde eles cantaram: “O Senhor deu a alegria do meu coração, depois de tantos anos das minhas lamentações; o Senhor me deu a alegria do meu coração.”

Ajustes tiveram que ser feitos após a fusão, pois havia aqueles que não conseguiam aceitar nossa teologia. Tiveram perdas, mas hoje o número de igrejas triplicou desde aquela celebração organizacional. Atualmente, temos trabalho em dois dos trinta e seis estados do país. A visão é unir Jesus na missão, exercendo presença em todos os estados. Ao mesmo tempo, os centros urbanos estão experimentando um crescimento populacional explosivo. Lagos, a maior cidade da Nigéria, tinha uma população de 21 milhões em 2016 e deve chegar a 25 milhões até 2020. Lagos se tornará uma das megacidades do mundo, dobrando de tamanho até 2050. Neste tempo, a Nigéria terá uma população maior que a Estados Unidos. Hoje, os líderes da igreja estão pedindo a todos nós que nos unamos a eles em sua visão para alcançar seu país, cada estado e os centros urbanos, fazendo missões de maneiras que nunca fizemos antes.

Juntar-se à missão de Jesus Cristo significa que nos tornamos canais de graça proveniente que se cruzam com a sociedade e a cultura. Respondendo à necessidade através de um encontro holístico com discípulos cristãos.

O Pai enviou Jesus ao mundo e agora Jesus nos envia, seus seguidores. Tendo sido uma igreja mais rural, devemos considerar como seguir Jesus nos vastos centros urbanos do mundo. Ao mesmo tempo, as áreas rurais continuam em grande necessidade, com acesso reduzido a bens e serviços. Nos Estados Unidos, o alcoolismo e o abuso de drogas ameaçam destruir as comunidades rurais. Há uma necessidade da presença do reino fiel em uma miríade de contextos sociais.

Enquanto isso, nossas linhas divisórias estão ficando borradas. Somente quando nos habituamos à estrutura global da Igreja do Nazareno, as coisas ficam menos cortadas e secas. Na semana passada, o distrito norte do estado de Nova Iorque anunciou a fusão de uma congregação Congolês com a Igreja do Nazareno. Nossa liderança Sudanesa do oeste do Texas está ajudando a plantar igrejas em seu país de origem. Quando você participa da Assembléia Distrital de Nova York, você se sente como se tivesse desembarcado nas Nações Unidas, onde vários idiomas são falados e culturas celebradas. Na Zâmbia, você descobre uma grande população chinesa. Na Espanha há uma nova igreja ucraniana. O Seminário na Costa Rica está ajudando a atender as necessidades de língua espanhola em vários locais nas Américas do Norte e do Sul. E quem sabe, a visão da igreja na Nigéria pode se estender até Houston, Texas, onde encontramos a maior população nigeriana nos Estados Unidos. Tudo isso mostra que nossas velhas linhas, formas de entender as coisas, estão se desfazendo.

David Busic em seu discurso quadrienal na 39ª Assembleia Geral desafiou a igreja e fez a pergunta: “Podemos novamente ser um movimento?” A realidade é que os movimentos são confusos, incluindo um movimento do povo de Deus ao se unirem a Jesus em missão. Esta semana pode ser desafiadora, enquanto temos visto ainda mais como as linhas antigas se

confundiram e precisamos criar uma nova compreensão de quem somos como um movimento global de pessoas que se unem a Jesus na missão de Deus.

Cristologia. Temos muito a ponderar e considerar, à medida que procuramos escrever capítulos e histórias cheias de diversidade gloriosa, à medida que permitimos que Deus nos una. As palavras de Isaías nos desafiam ...

Isaías 43: 18            Não vos lembreis das coisas passadas,  
                              nem considereis as antigas.  
19            Eis que faço uma coisa nova;  
                              agora sairá a luz, porventura não a percebeis?  
                              Eis que porei um caminho no deserto  
                              e rios no ermo.  
20            Os animais do campo me honrarão,  
                              os chacais, e os avestruzes;  
                              porque porei águas no deserto,  
                              e rios no ermo,  
                              para dar de beber ao meu povo, ao meu eleito  
21            A esse povo que formei para mim  
                              o meu louvor declararão.

Um povo santo, que quer conhecer a Cristo, participando da comunhão com um Deus Santo. Quem sabe o que Deus quer realizar esta semana, na Flórida.